

TIVE UM SONHO¹:
AS TRANSFORMAÇÕES CONCEITUAIS E TÉCNICAS NA COMPREENSÃO DOS SONHOS
| VALTON DE MIRANDA LEITÃO²

RESUMO

O autor aborda as transformações conceituais e técnicas desenvolvidas inicialmente por Freud e posteriormente por Geza Roheim, Wilfred Bion, D. W. Winnicott e Jacques Lacan. O solipsismo inicial e a sexualização do sonhar são revistos pelo próprio Freud para incluir a destrutividade, a vingança e o medo nos complexos narcísico e edipiano. O trânsito da interpretação hermenêutica freudiana inicial é mostrado para compreender o sonhar como processo relacional e evolutivo. Finaliza com a compreensão de Jean-Michel Quinodoz, mostrando a repetição onírica como impulso vital e elaborativo, ao invés de submetido apenas à pulsão de morte.

Palavras-chaves: sonho, complexo narcísico, complexo edipiano, repetição onírica.

ABSTRACT

Abstract: The author deals with the conceptual and technical transformation initially developed by Freud and later by Geza Roheim, Wilfred Bion, D. W. Winnicott and Jacques Lacan. Freud himself reviews the initial solipsism and the sexualisation of the dream, in order to include the destructivity, the revenge and the fear in the narcissistic and Oedipus complex. Freud shows the transit of initial hermeneutical interpretation to comprehend the dream as a relational and evolutionary process. It ends with the comprehension of Jean-Michel Quinodoz, demonstrating the dream repetition as a vital and elaborative impulse, rather than submitted to a death drive.

Keywords: dream, narcissistic complex, oedipus complex, dream repetition.

1 Alusão a Joyce McDougall (1997)

2 Psicanalista didata da Sociedade Psicanalítica do Recife e do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Fortaleza (Gepfor), ex-presidente do Gepfor e atual diretor do Instituto de Formação do Gepfor. Coordenador da Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Fortaleza.

INTRODUÇÃO

É com essa expressão, “tive um sonho”, que a maioria dos pacientes analíticos inicia o relato de um sonho. Quando Freud publicou em 1900 a *Interpretação de sonhos* (FREUD, 1972), causou espanto no mundo da psicologia e da psiquiatria, enquanto o saber estabelecido o acusava de charlatanice. O enigma dos sonhos e sua interpretação, que até então eram privilégio de xamãs e pajés, começavam a ser decifrados cientificamente. A encenação onírica substituíra a conduta motora, mas o corpo dormente acompanhava o sonho na dor e na alegria.

A libido se retira da realidade externa e mergulha para um lugar fusional com o fantasma materno, para que o sono e sua continuidade sejam possíveis. O sono e o sonhar fazem parte de um processo reparatório, tanto energético, quanto psíquico, permitindo ao *self* voltar à realidade existencial ao acordar.

O sonhar começa a acontecer sob a estimulação de percepções diurnas que chegam ao pré-consciente regressivamente, indo da representação de palavras para a representação de coisas. As imagens oníricas substituem a linguagem verbal, enquanto os afetos se entrecruzam dentro do complexo sistema que oscila entre a censura, o ego e o id. Abre-se uma verdadeira tela cinematográfica, na qual uma representação teatral é encenada todas as noites.

O trabalho do sonho entra no sistema nocional freudiano para produzir o conteúdo manifesto com suas máscaras e disfarces. O complexo de Édipo é vivido figurativamente, tanto quanto o complexo narcísico. Ambos são expressos no sonhar pelas suas características infantis, consequência da repressão.

O desejo sexual ao lado da vingança, do ódio e da luta pelo poder e reconhecimento são teatralizados no palco do sonhador.

Grande número de psicanalistas deu, tomando erroneamente certas afirmações de Freud como base, excessiva ênfase ao desejo sexual. O fato é que, como Freud faz notar, o sonho igualmente encena afetos destrutivos de ódio, desejos de vingança, fantasias de poder e reconhecimento narcísico. O gênio de Freud expõe a intimidade das antinomias do sonhador entre amor e ódio, vingança e gratidão, dor e prazer, destruição e construção.

O corpo adormecido, retirado da realidade externa, se movimenta no delírio e na alucinação, num espaço onde não há lugar para o não, nem para a contradição ou para o sentido de tempo e espaço. É neste lugar alucinado onde se goza com a dor ou com o orgasmo, ou uma combinação dos dois, na antinomia sadismo-masochismo. O corpo acompanha essa misteriosa cinematografia, participando com prazer e/ou dor e também voltando à posição intrauterina. O feto reencontra o seu lugar entre a vida e a morte.

Os pensamentos oníricos latentes oscilam entre a condensação e o deslocamento, a metáfora e a metonímia para alcançar uma síntese através desse trabalho do sonho no disfarce do conteúdo manifesto. A psicanálise desde Freud falava que essa era a estrada real para o inconsciente, mas o próprio Freud dizia, ao longo de trinta anos em que trabalhou o assunto, que era preciso ter cautela quanto a interpretar intempestivamente os sonhos. O método psicanalítico diz que somente é possível chegar ao conteúdo latente do sonho através das associações livres do paciente e no contexto da técnica transferencial.

O processo de desconstrução/construção era ao tempo de Freud e seus discípulos extremamente minucioso, mas atualmente a maioria dos psicanalistas não procede dessa maneira tão estrita. O objetivo maior é alcançar o conteúdo dos pensamentos oníricos latentes na relação transferência/contratransferência, dentro do campo psicanalítico, conforme a compreensão de W. Baranger (1994).

É sabido, atualmente, que o sonhar se faz através de imagens espaciais que desconhecem a temporalidade e essa somente aparece quando o processo secundário atua.

A clínica contemporânea está inscrita também no que diz respeito ao sonhar na problemática do narcisismo e da psicose, numa pluralidade de manifestações psicopatológicas, especialmente nas estruturas *borderline*.

Utilizarei três sonhos que funcionarão como suporte para o desenvolvimento desta reflexão.

O primeiro é de um paciente que esteve em análise durante muitos anos e sonhava repetitivamente com poços profundíssimos, cujas paredes atijoladas eram visíveis, tanto quanto a água na profundidade. A angústia de cair neste buraco era imensa, fazendo com que o paciente acordasse e se retorcesse na cama, mudando frequentemente de posição. Tinha medo do decúbito ventral e obsessivamente retomava à posição dorsal. O paciente entre os cinco e os sete anos de idade mantivera relações hetero e homossexuais com dois irmãos bastardos, filhos do seu pai, um menino e uma menina um pouco mais velhos.

O sonho apontava para um temor primário de morte abismal, mas certamente, também para uma analidade que André Green chamaria primária. O trabalho analítico levou a uma modificação do sonho repetitivo, passando a mostrar com frequência verdadeiras escadarias no interior do poço, nas quais o sonhador subia e descia. Tais sonhos paulatinamente desapareceram dando lugar a outros sonhos que representavam o paciente puxando água através de carretéis, o que frequentemente vira na sua infância.

O segundo sonho é relatado por Perelberg (2012) no livro *Freud: uma leitura atual*. O paciente procura-a através de uma carta, na qual dizia ser um artista fracassado, filho de pintores famosos, que já tentara o suicídio mais de uma vez. No interior do envelope encontravam-se duas fotografias idênticas do futuro paciente. O sonho mostrava uma suntuosa casa, repleta de belíssimas obras de arte, às quais o paciente não tinha acesso. Sabia que lá estavam, mas não podia ingressar no interior da mansão, pois uma redoma de vidro o impedia de fazê-lo. Perelberg (2012) mostra a cisão na parte psicótica da personalidade e trabalha com o paciente até que seus sonhos manifestem um padrão completamente diferente na relação edípica com os pais, superando o complexo narcísico infantil.

O terceiro sonho é de um paciente meu, severamente comprometido pelo vício da maconha e da cocaína, que somente iniciou tratamento analítico após uma sugestão para que permanecesse internado por três meses, numa casa de recuperação para drogados.

É um jovem profissional liberal, muito inteligente, precocemente estimulado por

primos e primas em atividades sexuais, entre os cinco e sete anos de idade. O nascimento de um irmão cinco anos mais jovem levou-o a uma terrível competição por considerá-lo mais capaz e expansivo em qualquer atividade. Além disso, nascera com a cabeça algo maior que o normal, fato que na mitologia familiar se dizia ter feito estragos na sua mãe, enquanto na escola os colegas lhe davam apelidos, muito embora não existisse qualquer deformidade notória. Sonhou que estava num estádio de futebol no interior do qual as torcidas rivais se atacavam com aviões de brinquedo que eram capazes de provocar ferimentos, quando atingiam o adversário. O sonhador procurou escapar por um túnel labiríntico, cheio de estrebarias de cavalos, nos quais o estrume se espalhava por toda parte. Finalmente conseguia chegar ao mar e se lavar. Tal sonho acontecia depois de mais de dois anos de análise, e diferentemente dos outros que eram marcados pelo retorno às bocas de fumo, este tinha um teor completamente diferente. Após associações do paciente, dos aviões com os vendedores de cocaína, mostrei ao paciente como sua luta interior passava pela sujeira anal, até alcançar a limpeza do mar.

A decifração freudiana do sonho passa por um longo processo evolutivo que vai desde suas primeiras tentativas com o sonhar das histéricas, passando pelos seus próprios sonhos, até alcançar um maior refinamento metodológico e técnico, em 1933.

A ênfase inicialmente posta na noção de sonho como realização de desejo sexual foi paulatinamente sendo modificada para acrescentar a vingança, a destrutividade, o castigo e a dor como manifestações oníricas de igual importância.

A observação antropológica de Geza Roheim (apud McDougall, 1997), psicanalista e discípulo de Freud, mostrou um padrão universal de sonhos chamado de sonho básico. Duas grandes forças conflitantes se exprimiam como batalha mitológica, na qual o corpo participava. Nesta circunstância, o corpo produzia o sonho básico, permitindo ao sonhador inserir nesse contexto o sistema afetivo e ideacional conflitivo.

Conforme McDougall (1997, apud DADOUN, p. 165), nessa mesma trilha, diz: “[...]”

a irrupção repentina do corpo-falo, durante o sono REM, no estado materno-fusional da pessoa, enquanto dorme profundamente, pode ser experimentado como excitação sexual, independente do conteúdo ser ou não sexual”.

Roger Dadoun, portanto, sugere que o sexual nasce do sonhar e não como pretendia Freud que o sonhar já seja expressão do sexual.

Outro pesquisador citado por McDougall (1997), Betram Lewin (1946), pensava que os sonhos eram projetados sobre uma tela, como num cinema, embora essa tela raramente apareça como visível nas imagens do sonho. Essa tela seria a imagem arcaica da mãe-seio.

McDougall (1997) afirma que estas são as primeiras contraposições ao pensamento original de Freud sobre o sonho como simples realização de desejos. Isso terá consequências quanto ao modo de entender o conteúdo e a tradução dos sonhos.

A concepção hermenêutica de Freud ficará entre dois polos, o antropológico mítico e o ideogramático contemporâneo. O processo tradicional de acesso aos pensamentos oníricos latentes obedece, como se sabe, a princípios metodológicos e técnicos que dão importância central à atenção flutuante do analista e às associações livres do paciente. Bion dirá: sem memória, sem desejo e sem ânsia de compreensão. Isso, naturalmente, está de acordo com a escuta bioniana não saturada por antecipação teórica.

Esse percurso visa afastar o conteúdo manifesto com suas máscaras e disfarces que resulta de toda elaboração onírica. O sonho é inicialmente desconstruído para que os tradutores, paciente e analista, ofereçam uma nova construção a partir do conteúdo latente.

O sonho intraduzível seria aquele a que Freud se refere como permanecendo no mais profundo do inconsciente, sendo de certa maneira inominável. O inominável estaria no sonho básico de Geza Roheim, enquanto escritores como Samuel Becket tratam literariamente do assunto. Jean Paul Sartre, na sua filosofia dos buracos, diz que os buracos míticos da natureza, como cavernas e vulcões, são pré-sexuais,

embora concorde com Freud quanto ao investimento erótico e sádico do ânus.

A tradução hermenêutica de Freud não foi seguida por todos os seus discípulos contemporâneos, principalmente W. Bion e D. W. Winnicott. J. Lacan seguirá o caminho da representação simbólica na linguagem, adotando a visão estruturalista francesa.

Como se sabe, o sonhar é para Bion um processo permanente, tanto na vigília quanto no sono, desfazendo a fronteira que atribuía ao dormente o privilégio de sonhar. Desse modo, se o indivíduo esquizofrênico sonha através de objetos bizarros projetados no exterior, a parte psicótica e delirante da mente sonha constantemente através de ideogramas resultantes de combinações de pictogramas, como na escrita chinesa.

Bion mostra o exemplo do ideograma dos óculos escuros que traduz com a combinação de vários pictogramas, como se óculos escuros, mamadeiras e seios adquirissem essa condição na mente do paciente. Isso como resultado da relação transferencial persecutória. O ideograma, como na escrita chinesa, resulta da combinação de pictogramas. Por exemplo, o ato de falar em chinês é expresso por uma boca, da qual sai uma chama com duas palavras nas laterais. Assim, o sonho é principalmente sugestão de movimento e condensação metafórica, expressando-se pré-verbalmente.

O sonho de Alexandre Magno citado por Avzaradel (2006), no qual o rei sonha com um sátiro que dança sobre o seu escudo durante o cerco da cidade de Tiro e o adivinho traduz como sa-tiro, que em persa significa tiro é sua, é tradução hermenêutica. A consequência disso é que Freud teria baseado sua compreensão do sonhar tanto na sexualidade quanto na agressividade, partindo da influência judaica bíblica que dá grande ênfase à hermenêutica. No entendimento relacional atual, diríamos que há uma tensão entre o escudo protetor e o diabo que dança durante a batalha. O modelo clássico freudiano criaria um solipsismo esquemático, pois o processo onírico somente pode ser capturado na sua evolução analítica.

O paradoxo não é imediatamente resolvido, como diria Winnicott, pois o sonhar

não se resolve numa simbolização momentânea, mas no processo analítico. A *reverie* de Bion se combina com o campo transicional de Winnicott, tornando a “tradução” do sonho uma continuidade metafórica, na qual imagens, afetos, corpo e mente se mesclam.

Dessa maneira, o primeiro sonho que apresentei, do homem que cai ou teme cair num profundo poço, cujas paredes têm tijolos salientes e água na profundidade, representa, por sua repetição, o pavor mítico do abismo mortal. Nesse caso o sonho básico foi acrescido de uma dimensão de analidade dentro da estrutura conflitual do paciente.

Na verdade, temos no ideograma uma espécie de objeto transicional, cujo simbolismo depende da continuidade elaborativa do sonhar e do interpretar. Nessa situação, a repetição não é sempre oriunda da pulsão de morte, mas pode ser entendida como a elaboração de um processo traumático para permitir a vida. Isso coloca outro importante contraponto na posição clássica de Freud, situando também a simbolização como movimento e relação.

O espaço onírico estaria relacionado ao espaço transicional e, portanto, permitindo certa continuidade no caminho do trabalho do sonho como reconstrução praticada entre paciente e analista.

Nesse sentido, o sonho traumático de *Para além do princípio de prazer* (FREUD, 1976) pode ser lido como tendo uma dimensão elaborativa, não se resumindo ao domínio do trauma para ab-reação da angústia. Isso faz pensar naquilo que Quinodoz (2002, p. 1) chama sonhos que viram uma página, onde afirma:

[...] Afinal, como o conteúdo desses sonhos é regressivo apesar de corresponderem paradoxalmente a uma fase da integração, o psicanalista poderá ser induzido a levar em conta apenas seu aspecto regressivo, não dando atenção ao contexto de progresso nos processos psíquicos do analisando.

Portanto, os sonhos paradoxais, mostram o desenvolvimento da capacidade de síntese do paciente cujo progresso se dá desde a regressão mais arcaica, sem a necessidade de análise sistemática da resistência. Não vou me deter mais no

tema, pois penso que o leitor deve buscar o próprio texto de Michel Quinodoz. O fato é que, na medida em que a atuação diminui, os sonhos vão mostrando na sua figurabilidade uma capacidade reparatória cada vez maior e uma harmonia também mais forte com o *self* do paciente.

Assim finalizo esta breve exposição sobre sonho, ato e angústia.

REFERÊNCIAS

- Avzaradel, J. R. (2008). Ideograma e forma de significado. In: Avzaradel, J. R. (org.) (2008). *Linguagem e construção do pensamento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Freud, S. (1976). *A interpretação dos sonhos*. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, v. IV.
- _____. (1976). *Para além do princípio do prazer*. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, v. XVIII.
- Green, A. (2003). A crise do entendimento psicanalítico. In: Green, A. (org.). (2003). *Psicanálise contemporânea*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: SPSP.
- McDougall, J. (1997). Sobre o sono e o sonho: um ensaio psicanalítico. *Psyquê. Revista do Centro de Estudos e Pesquisas em Psicanálise da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Unimarco Editora. n. 1, p. 145-172.
- Perelberg, R. J. (2012). *Freud: uma leitura atual*. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed.
- Quinodoz, J. -M. (2002). *Dreams that turn over a page*. Paradoxical dreams in psychoanalysis. Trad. do francês por Ph. Slotkin. Londres, Nova Iorque: Routledge.